



BOLETIM DA CAPELANIA

Junho de 2012



As férias

Teremos visto anúncios de viagens de férias como um «bem de primeira necessidade». E com razão: sem descanso, desequilibramo-nos. Para muitos, contudo, a primeira necessidade é a oposta: a de trabalho e subsistência. Para esses, o convite ao passeio pode chegar a ser cruel: o seu verdadeiro descanso seria o de encontrar trabalho digno e dignamente remunerado... Quem os poderá esquecer? Mas não será por renunciar a férias que resolveremos esse problema; pelo contrário, elas contribuirão para dar trabalho e sustento a muita gente. De qualquer forma, neste momento impõe-se mais sobriedade do que antes, não só por respeito para com quem passa carências básicas, mas até como aprendizagem de um nível de vida inferior ao que estávamos (mal) habituados.

Recorrendo a um caso extremo, o dos campos de concentração, recorda Victor Frankl que as mais frequentes recordações dos prisioneiros, no meio do horror daquela situação, não eram as festas; eram as mais triviais possíveis: chegar da rua, subir as escadas, acender a luz, abrir uma torneira... Era a redescoberta do valor das coisas mais simples da vida. E, de vez em quando, como um êxtase, o rosto amado da mulher: a redescoberta do amor, independentemente de saber se ela ainda estaria viva - do amor, «mais forte do que a morte», como diz a Bíblia.

Não dramatizemos, mas convenhamos que a lição do psicólogo é importante, e semelhante à do cómico pai do Calvin da banda desenhada: após um desastrado passeio de bicicleta, chegando a casa confuso, roto e enxovalhado... a conclusão de que não há melhor desporto do que aquele que nos faz desejar voltar quanto antes ao trabalho.

Se as férias não servem para redescobrir a família, o amor, a amizade, a beleza do mundo, o valor do trabalho quotidiano e o sentido mais profundo da existência, que é Deus, não passam de distração no meio de um pesadelo.

Pe. Hugo de Azevedo